

liberais e conceder a cada um dêles, alternadamente, um período de poder. Do contrário, o partido excluído poderia zangar-se e cometer atos desagradáveis". Em outra hora, diz que "eu deixo andar a máquina. Ela está bem montada e nela tenho confiança. Somente quando as rodas começam a ranger e ameaçam parar, ponho um pouco de graxa".

A bem montada "máquina" de D. Pedro, na verdade, é cheia de defeitos. Em poucas palavras, o Barão de Hübner anota algumas inconveniências desse sistema: na vida administrativa, a pouca duração do presidente de província, por razões políticas, impede-o de estudar e "conhecer a província"; "sabendo que não ficará muito tempo no Governo não tem nenhum interesse em estudar a província ou preparar empresas úteis...; os Presidentes não foram educados na escola administrativa. São advogados, redatores de jornais transformados em deputados que o Presidente do Conselho no poder nomeou Presidentes".

O Conde D'Eu vê com olhos realísticos a Guerra do Paraguai: a luta representou grande dívida para o Brasil e destruiu-se o Paraguai "que era um contrapêso a impor às veleidades ambiciosas da República Argentina". Uma das conseqüências secundárias do conflito é o aumento do exército e, depois, o seu abandono pelo Governo. O Conde "disse-me que o Imperador não quer ouvir falar do aumento do exército, por causa das finanças", o que não impede que a marinha seja melhor tratada do que o exército.

O Barão anota, em São Paulo, alguns dos problemas fundamentais da província: "em São Paulo (cidade), dominam os imigrantes estrangeiros. Depois dos portugueses, que são os mais numerosos e se entregam aos trabalhos domésticos de todo o gênero, desempenhando o papel dos irlandeses nos Estados Unidos da América, vêm os italianos, dos quais há mais de 12.000 nesta cidade. Dedicam-se ao pequeno comércio e são também cultivadores".

À instalação da São Paulo Railway significa início de revolução para a capital da província: o Barão mostra que só nos últimos nove anos instalaram-se 5 grandes casas de exportação (sic); "São Paulo tornou-se assim, o centro da parte habitada e em grande parte cultivada da província do mesmo nome; libertou-se de Santos e do Rio de Janeiro, recebendo essas cinco casas as mercadorias diretamente da Europa".

As visitas que faz às fazendas da Mogiana e a Itu fornecem-lhe muitos dados interessantes: as melhores terras, "a terra roxa (...) está concentrada em mão dos fazendeiros que não a querem vender". O Conde de Três Rios, um dos grandes fazendeiros, é um dos mais ricos proprietários da

província. É dono da fazenda de Santa Gertrudes. É pitoresca a descrição que faz do proprietário: "bom tipo de plantador de outros tempos, grande senhor, a seu modo, bonacheirão, com maneiras de dono de casa, fala pouco, mas sorri abertamente"; "o Conde (...) possui 400 escravos, dos quais 250 em Santa Gertrudes e 150 numa outra fazenda. Diz-se que sua renda anual dessas duas plantações é de mais de meio milhão de francos. Tem boa casa em São Paulo e outra em Campinas e não reside habitualmente nas fazendas, mas as visita frequentemente". E aqui, outra nota fundamental: o Conde "disse a Gorceix [companheiro de viagem do Barão e Diretor da Escola de Minas, de Ouro Preto] que prevendo as grandes perturbações que resultarão da emancipação dos escravos, colocou e continua a colocar fundos na Europa".

A descrição pormenorizada de outras fazendas de café, o problema do domínio estrangeiro sobre o comércio importador e exportador (Bahia, Pernambuco, São Paulo e Rio) — e algumas correlatos na Argentina e Uruguaí — são outras ricas informações dadas pelo Barão de Hübner. Infelizmente, só parte desse depoimento é revelado ao público, devido a **suscetibilidade** do Sr. Roberto Mendes Gonçalves.

EDGARD CARONE

#### O RIO DE JANEIRO VISTO POR DOIS PRUSSIANOS EM 1819

Por T. von Leithold e L. von Rango. Trad. e anotação de Joaquim de Sousa Leão Filho. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1966. 166 p. il.

Leithold e Rango, que eram parentes, vieram ao Brasil para tentar ganhar a vida. Depois de uma série de peripécias e desilusões, os dois voltam para a Alemanha, onde cada um dêles escreve suas recordações sobre a vivência no Rio de Janeiro. A feliz idéia de publicar os relatos permite-nos acentuar o conhecimento da capital do país e dos seus problemas sob D. João VI, além de revelar fatos não assinalados por outros autores. Apesar de rica em depoimentos — Watz, Chamberlin, Padre Perereca, Santos Marrocos, Maria Graham — esta época ainda é mal estudada sob os aspectos sociais e econômicos em geral. E, obras da valia de Leithold revelam ao público uma série de facetas fundamentais: daí a sua utilização por Oliveira Lima, em seu **D. João VI no Brasil**. Porém, como diz o tradutor, a obra de Rango não era conhecida do nosso historiador, o que mostra que muita coisa está para ser aproveitada ainda.

De valor desigual, as memórias de Leithold são mais extensas e ricas

em observações, apesar de notas duvidosas ou parciais. A sua estada breve leva muitas vezes o autor a certos exageros positivos ou negativos, mas os senões não desmerecem a obra. Assim, sua permanência de meses permitiu-lhe analisar, de maneira breve, não só a cidade do Rio de Janeiro, mas o seu comércio, suas classes sociais, o funcionamento da côrte, as atividades dos estrangeiros, etc.

É verdade que outras obras de contemporâneos estrangeiros já nos revelaram certos traços fundamentais do problema de classe na época: Succock mostrara com mais minúcias e penetração estas questões, mas os dados fornecidos por Leithold ajudam a completar essa visão. O autor tem consciência do problema de classe e hierarquia, assinalando continuamente os padrões diferenciais: "além dos escravos, poucos são os que andam a pé. Quem se respeita, mesmo de posses modestas, só sai a cavalo ou de carro" (p. 27). Outro traço, observado às vezes com exagero, é o do luxo: "há relativamente muito mais luxo aqui do que nas mais importantes cidades da Europa. Com dinheiro compram-se artigos da moda, franceses e ingleses; em suma, tudo. O mundo elegante veste-se, como entre nós, segundo os últimos modelos de Paris. Os homens, apesar do grande calor, usam casacas e capas das mais finas telas e meias brancas de sêda. Poucos comerciantes de recursos conheci que não fizessem suas casacas com panos prêtos de uma qualidade por mim nunca vista, igual à sêda. Também trazem as chamadas capas escocesas importadas da Inglaterra".

A descrição das roupagens faz parte do contexto maior sobre a vida da mulher, da côrte e seu fausto, etc. O autor é rico em detalhes, que vão do beija-mão até o comportamento dos indivíduos das classes dirigentes. A respeito do costume de reverenciar o Rei, Leithold faz uma descrição completa sobre o seu significado social na época: "para o beija-mão, enfileiraram-se do lado esquerdo da entrada: generais, ministros, conselheiros, sacerdotes, em suma, gente de tôdas as classes, pois todos têm o direito a participar, sem distinção, da cerimônia desde que apropriadamente vestidos. Quem não tem direito a uniforme, enverga casaca preta, colête branco, calções e sapatos prêtos; traz um sabre recurvo e dourado, do comprimento de um pé, e **chapeau à claque**, sob o braço. Assim, sem diferença, apresentam-se todos, menos os que não são fidalgos, isto é, professores, artistas, negociantes e artesãos, etc., que não têm direito a espadim".

Outro complemento importante é o que dá sobre atividades produtivas, feitas por estrangeiros e nacionais: os primeiros exemplificam com nomes e profissões dos que exercem suas

atividades na agricultura, no comércio e profissões liberais. É verdade que depois da publicação do **Registro de estrangeiros**, pelo Arquivo Nacional, muitas dúvidas deixam de subsistir; o que importa, porém é a sua sinalização ao vivo. Assim, vemos surgir pessoas conhecidas e ligadas às nossas atividades, como Louis Dominique Pharoux, dono de hotel e construtor do famoso cais, que tem o seu nome; ou o General Hogendorf, plantador de café nas redondezas do Rio de Janeiro, etc. Mais rica é a informação que dá sobre uma grande negociante nacional, o que mostra a existência de forte segmento de uma burguesia comercial brasileira: "entre as personalidades dignas de nota do Rio de Janeiro, foi-me apresentado certo banqueiro de nome Roche, dos mais ricos negociantes da capital, que possui várias casas importantes na cidade e arrabaldes. É comendador da Ordem de Cristo e ainda tem outras condecorações. Vi-o trabalhando no escritório da cidade sempre a ostentá-las todas. Tem mais ou menos cinqüenta anos... Sua grande fortuna proporciona-lhe uma vida confortável e agradável. As salas de sua casa são bem mobiliadas e decoradas e ele dá-se ao luxo de sustentar quatro amantes para seu prazer. Deve estar em estreitas relações de negócios com a corte, à vista dessas condecorações. O navio em que viajei de volta à Europa fôra por ele fretado para levar 30.000 arrobas (dez mil quintais das nossas medidas) de mercadorias suas..." (o tradutor identifica esse personagem com Francisco da Rocha, 1.º Barão de Itamarati e decano do Corpo do Comércio do seu tempo).

O problema dos escravos, do tráfico, do exército, dos capitães-do-mato, da alimentação e da descrição das casas, etc. são questões abordadas constantemente no livro. A obra de Rango, também desenvolve, de maneira mais imprecisa e breve, quase todas as questões assinaladas, o que torna as duas obras citadas, documentários importantes e imprescindíveis para o estudo político, econômico e social do Brasil no início do século XIX.

EDGARD CARONE

## OS DEUSES MALDITOS

Por Luchino Visconti. São Paulo, Civilização Brasileira, 1970. 229 p. il.

A fita de Luchino Visconti transcende o simbólico e atinge o cerne de uma temática universal — a destruição do indivíduo e de uma sociedade. Nessa análise, o diretor joga com uma problemática que se situa entre a ficção e a realidade.

As escolhas do nazismo e da Alemanha aparecem ao diretor como "verdadeiramente exemplar sob o ponto

de vista de uma situação histórica", pois, apesar de o fenômeno facista ser geral, é na Alemanha que ele toma aspectos de tragédia e se torna exemplar para todos. E é como símbolo que surgem personagens e situações: "todo aquele que viu o filme teve a impressão de que ele era mais do que um filme histórico; e fizeram comentários neste sentido, como uma observação positiva; ou seja, como se o filme, que podia correr o perigo de acabar sendo apenas um filme histórico, não o fôsse, e isto não porque os personagens são simbolizados, mas porque provavelmente o sentido do filme é qualquer coisa mais do que a representação de uma fase histórica da Europa. De qualquer maneira, eu nunca pretendi fazer um filme histórico".

Dentro desse contexto, a fita se desenvolve, retratando, em dois planos, duas situações que se interligam: a decadência da família Essenbach (que simboliza a família Krupp) e a ascensão do nazismo. A fita centra-se, objetivamente, na tragédia familiar, enquanto o nazismo aparece como elemento simbólico e opressivo — encarnado na pessoa de Aschenbach. O único momento em que o enredo foge deste plano pessoal para o histórico é quando é retratada a noite dos longos punhais, isto é o extermínio de Roehm e dos SS, ato de aliança entre Hitler e os generais do exército alemão (29 de junho de 1934).

Porém, é a simbologia que domina a fita. Inicialmente, ela se delinea na apresentação dos personagens e nos conflitos latentes que surgem durante a tradicional reunião familiar dos Essenbach: o anúncio (verídico) do incêndio do Reichstag (27-2-1933) e a morte do patriarca Joackin von Essenbach (imaginário) são acontecimentos que aparecem como predestinação: a eliminação dos homens livres da Alemanha e a subida definitiva do nazismo. Visconti critica, assim, a noção dos liberais e comunistas, de que o nazismo era uma farsa e que não iria agüentar-se no poder por muito tempo; ou de que Hitler poderia servir de instrumento político para algumas tendências burguesas. O que afirma é a desapareição, neste dia, da República de Weimar, pensamento repisado pelo nazista Aschenbach, quando diz que "antes que as chamas do Reichstag estejam extintas, os homens da velha Alemanha estarão, nesta noite, reduzidos a cinzas".

E é a partir desta apresentação que Visconti desenvolve os fatores negativos do nazismo, quando o faz aparecer como uma força poderosa e onipotente, surgindo implacável contra todos que se rebelam contra a nova ordem. Não sendo uma história do Terceiro Reich, mas, o estudo da decadência de uma família, a fita mostra o movimento como negação dos valores: ele foi "feito para dar um aspecto quase escandaloso — no sentido

justo — à instauração do nazismo, porque o filme acaba quando o nazismo começa... e eu pretendi exatamente que ele, o nazismo, começasse a medrar num terreno o mais horrível possível, o mais nefasto, para justificar os seus nove anos de vida e tudo aquilo que ele desencadeou depois em todo o mundo". "O nazismo foi negativo em tudo, mas realizando um filme sobre o nazismo torna-se necessário tomar um desses lados negativos, não se pode tratar de todos. Eu queria tratar de um pequeno núcleo, e escolhi uma família; e, nesta família, pretendi localizar os instintos mais baixos, os instintos menos nobres. Trata-se de um exemplo, não significa que o nazismo esteja todo ali."

A negação de valores torna-se, assim, a temática fundamental, transcendendo a todos e tudo. A destruição da família Essenbach — os pontos altos são a cena do incesto e o casamento nazista de Friedrich Bruckman e Sofia von Essenbach — é resultado desta avalanche negativa, quando a catalização de ódios é total, atingindo mesmo aqueles que aparentemente aparecem como contrários e diferentes. Guenther Essenbach, que durante dois terços do filme é o "único personagem de mentalidade sã", acaba sendo possuído pelo ódio. Mas, para Visconti, o fenômeno é coletivo; daí o nazista Aschenbach dizer a Guenther que "você possui uma coisa extraordinária que é este ódio novo que traz dentro de si, mas é um luxo que você o utilize apenas para satisfazer uma vingança pessoal. Nós sabemos como industrializá-lo. Venha conosco e você será um de nós, parte de nós, será um nazista".

O individual aqui é, na verdade, o retrato do geral. Família e nazismo, simbólico e real significam para Luchino Visconti uma realidade maior. "É minha convicção que, entre todas as interpretações do facismo, a mais justa, mais ainda do que as interpretações de caráter freudiano e psicanalítico, é aquela que considera o nazismo como a última fase do capitalismo no mundo, como o último resultado da luta de classe chegada às suas últimas conseqüências, à sua extrema solução, que é aquela de uma monstruosidade como foi o nazismo ou o facismo e que, naturalmente, não pode antecipar senão uma evolução no sentido do socialismo".

EDGARD CARONE

## TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL EM 1587

Por Gabriel Soares de Souza. 5. ed. Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscritos existentes no Brasil, em Portugal, Espanha e França, e acrescentada de